

FHC retratado por Angeli: o “Dorian Gray” da política

Daniela Atalla*

O objetivo do meu artigo completo é analisar parte da produção do cartunista Angeli no primeiro mandato de Fernando Henrique Cardoso como presidente – 1995-1998 - utilizando como aporte teórico autores que estudam a estética do humor, como Elias Thomé Saliba e João Nery. Para isso foram selecionados alguns dos cartuns mais representativos de período, publicados no jornal Folha de São Paulo e reproduzidos nos livros citados.

Segundo Melo apud Nery (pag7) a caricatura é “O retrato humano ou do objeto que exagera ou simplifica traços, acentuando detalhes ou ressaltando defeitos. Sua finalidade é suscitar risos, ironia. Trata-se de um retrato isolado”. Retrato isolado que contribui para que o leitor forme uma imagem e uma opinião do retratado, lendo criticamente a realidade. Para Saliba, “O estereótipo é uma espécie de pret à porter do humorismo que, por sua vez, se alimenta desta intrínseca vocação de juntar fragmentos do passado e concentrá-los naquele instante rápido e fugidio da anedota” (SALIBA, p16).

A ótica de Angeli, cartunista da Folha de São Paulo desde 1974, é notadamente crítica e sarcástica; seu humor denuncia as falhas da realidade política, provocando um sorriso amarelo de identificação e reconhecimento. Apartidário, destacou em sua produção diversas características da personalidade atribuídas à FHC – como a soberba - bem como momentos sensíveis do seu governo. Parte das suas críticas são dirigidas ao sistema político e ao fisiologismo, demonstrando a dificuldade de gestão do Executivo diante de um Congresso que cobra diversas contrapartidas - como nomeações e aprovações de projetos questionáveis. O povo é retratado por Angeli como alheio ao processo político, mas sempre vitimado pelo efeito das decisões dos “grandes”.

Alguns destaques do primeiro mandato do governo FHC:

A eleição de FHC para o primeiro mandato (1995-1998) ocorreu na esteira no Plano Real, evento de 1994 que catapultou o então Ministro da Fazenda ao posto presidencial. Até então FHC era mais conhecido do eleitorado do Sudeste, especialmente São Paulo, devido à sua atuação como intelectual da USP e candidato à Prefeitura em 1986.

Depois de uma sequência de planos econômicos malfadados e de uma inflação galopante, o então governo de Itamar Franco teve como sua maior realização o controle da inflação. O Plano foi lançado por FHC – tornando-se nacionalmente conhecido e admirado - enquanto Ministro e concluído por Rubens Ricupero. O Plano Real foi um sucesso, assegurando ao ex-Ministro o posto máximo da nação. O novo presidente encabeçou um projeto de governo baseado nas privatizações de

* Graduada em publicidade, pós-graduada em sociopsicologia, mestre em ciências sociais e professora da FIAM-FAAM.

grandes empresas nacionais de infraestrutura, causando a fúria da esquerda. Recaiá sobre FHC, devido a sua trajetória acadêmica e política, uma grande expectativa por reformas estruturais visando uma maior justiça social. Se por um lado a estabilização da economia serviu para manter altos índices de aprovação, levando à reeleição em 1998 – a crítica às privatizações, o aumento no número de demissões, o apagão de energia elétrica e denúncias de corrupção levaram ao fortalecimento da oposição e a eleição de Lula do PT em 2002.

A dicotomia entre o sociólogo que deveria promover a justiça social e o político que supostamente serviu aos interesses das grandes corporações, cedeu ao assédio dos partidos ditos “fisiologistas” - o PMDB, por exemplo – e cortou gastos do Estado, descontentando o funcionalismo, também foram os grandes temas de Angeli.

Na **Figura 1** (CONY, 19: 2000), “FHC através dos tempos”, o tema é uma figura desfigurada pelo poder. Angeli enfatiza que o poder corrompe e descaracteriza as feições de FHC ao longo da sua vida, ironizando o fato de que na juventude, quando foi estudante e depois intelectual, o presidente era considerado um homem muito bonito e sedutor. Na sequência, ao tornar-se Ministro, suas feições deformam-se e ele “enfeia”, culminando com um presidente disforme que tenta a reeleição. O cartunista escreve: “Se houver reeleição...eu lavo as minhas mãos!” – o texto é uma rara demonstração de opinião do autor, em primeira pessoa, como uma interferência no discurso descritivo da trajetória do retratado.

Figura1



Na **Figura 2** (CONY, 23: 2000), o presidente está à beira de um fosso no Palácio da Alvorada, de onde se vê ao fundo o Congresso Nacional. A distância entre os dois edifícios é preenchida por um lago cheio de tubarões. Dois assessores apontam: “Aquele ali é aliado...aquele outro mostrando os dentes, também é...” e o outro completa: “Aquele não é aliado...aquele atrás também não...” Portanto, todos os congressistas são comparados a tubarões, contemplados por um presidente aturdido e isolado, que precisa “alimentar as feras” para governar.

Figura 2



A mesma ideia de indistinção entre partidos e entre as figuras políticas está expressa na **Figura 3** (CONY, 31: 2000), “Ligações Perigosas”, onde PL, PMDB, PTB, PFL etc são retratados como homens idênticos. No último quadro se diz: “Agora, o PSDB, coitado! Tá a cara do Zé Colméia”. Como se sabe, Zé Colméia é um urso de desenho animado, reconhecido por ser distraído e tonto, alheio.

FHC é criticado mais direta e individualmente em charges como a Figura 27, “Os dois Brasis”, em que um quadro intitulado “O Mínimo” mostra a população em protesto, erguendo cartazes onde se lê “Saúde, Educação, Emprego, Salário”. A palavra “o mínimo” tem múltiplos sentidos: o de que as reivindicações representadas nos quadros seriam “o mínimo” exigido/esperado pela população; de que essa mesma população seria minoritária em relação à importância do presidente; e por último, uma alusão ao “salário mínimo”, unidade de remuneração. O quadro ao lado “O máximo”, contrapõem-se ao primeiro mostrando o presidente sendo aplaudido por assessores e aliados; subentende-se uma crítica ao ego do presidente.

Figura 3



A crítica ao sociólogo que “frustrou” as expectativas do eleitorado ao tornar-se presidente é feita em charges como a **Figura 4** (ANGELI – contracapa), em que um menino pede à FHC “um trocado”, ao que ele responde “Você quer que eu te responda como sociólogo ou presidente?”, revelando a suposta contradição entre o teórico – que defenderia a justiça social – e o executivo – que se recusaria a assistir o pedinte.

Figura 4



Conclusão

Para Bergson apud Saliba (pag 22): Para compreender o riso, impõe-se colocá-lo no seu ambiente natural, que é a sociedade; impõe-se sobretudo determinar-lhe uma função útil, que é uma função social. Digamo-lo desde já: essa será a ideia diretriz de todas as nossas reflexões. O riso deve corresponder a certas exigências da vida em comum. O riso deve ser uma significação social.

Sendo o jornal um veículo diário, as charges publicadas estão associadas à manchete do dia ou dos dias imediatamente anteriores. O panorama formado pelas charges aqui destacadas mostra um presidente à mercê do sistema político, refém da formação de uma base aliada no Congresso - comparados a tubarões e outras feras. O cartunismo do jornal diário capta o “espírito do tempo”, o “clima” reinante num determinado período. Nesse sentido, como define Saliba, a anedota se torna compreensível e risível na medida em que o leitor tem conhecimento do que ela se refere e concorda tacitamente com a crítica implícita na anedota.

FHC muitas vezes demonstra um posicionamento otimista – retratado como fantasioso em outras charges – da realidade da classe média e da classe trabalhadora. Também é retratado como vaidoso, um homem que se gaba do seu passado intelectual e sedutor, mas que, ao conquistar o poder, deforma-se e enfeia-se, como um “Dorian Gray” da política.

O povo é retratado como cada vez mais penalizado pelas medidas de privatização, manutenção de salários, aumento de tributos e diminuição dos postos de trabalho. Mas também como alheio, impotente, em posição inferior ou mesmo de mendicância.

Bibliografia

ANGELI, “FHC, Biografia não Autorizada”. Ed. Circo/Ensaio, São Paulo, 1995.

CONY, Carlos Heitor e ANGELI. “O Presidente que Sabia Javanês”. Ed Boitempo, São Paulo, 2000.

NERY, João Elias. “Charge e Caricatura na Construção de Imagens Públicas”. Tese de Doutorado em Comunicação e Semiótica. PUCSP, 1998.

SALIBA, Elias Thomé. “Raízes do Riso”. Ed. Cia das Letras, São Paulo, 2002.

Índice das Figuras

- 1- CONY, Carlos Heitor e ANGELI – pág. 19
- 2- CONY, Carlos Heitor e ANGELI – pág. 23
- 3- CONY, Carlos Heitor e ANGELI – pág. 31
- 4- ANGELI - contracapa